



AMPLIAÇÃO DA MINERAÇÃO NO CONTEXTO HISTÓRICO DAS MINAS GERAIS: um conjunto de ameaças sobre paisagens culturais e ecológicas de camponeses, indígenas e quilombolas

EXPANDING MINING IN THE HISTORICAL CONTEXT OF MINAS GERAIS: a set of threats on cultural and ecological landscapes of peasants, indigenous and quilombolas

ANDRADE, Vagner L. de (1);

1. Rede Ação Ambiental, Programa Agente Ambientais em Ação.
Praça Quatorze Bis, 130, Apto 906 – Bela Vista (CEP 01.312-010) São Paulo - SP
E-mail: botafogo321@yahoo.com.br

RESUMO

O entorno de Grão Mogol encontra-se ameaçado pela futura devastação minerária por localizar-se na área geológica do vale do Peixe Bravo, uma espécie de “quadrilátero ferrífero” do Norte de Minas Gerais. Com essa finalidade, o método usado consistiu na análise bibliográfica de diferentes fontes, e a posterior discussão das implicações espaciais da mineração sobre paisagens singulares, do ponto de vista cultural e ecológico. A região abriga três Parques Estaduais criados com a relevante incumbência de salvaguardar os cursos hídricos, as espécies animais e vegetais ameaçadas de extinção, incluindo algumas espécies endêmicas aqueles locais. Os Parques Estaduais, supracitados são importantes parques geológicos ou geoparques, um meio efetivo e discussão recente de preservação do meio ambiente, sendo também importantes recortes da paisagem cultural e ecológica dos Gerais. Parques geológicos potencializam atividades socioeconômicas mais sustentáveis com destaque para o ecoturismo e o geoturismo.

Palavras-chave: Mineração. Paisagem Camponesa, Paisagem Indígena; Paisagem Quilombola; Semiárido.

ABSTRACT

The surroundings of Grão Mogol are threatened by future mining devastation because they are located in the geological area of the Peixe Bravo valley, a kind of “iron quadrilateral” in the north of Minas Gerais. For this purpose, the method used consisted of a bibliographic analysis from different sources, and the subsequent discussion of the spatial implications of mining on singular landscapes, from a cultural and ecological point of view. The region is home to three State Parks created with the relevant task of safeguarding water courses, endangered animal and plant species, including some species endemic to those locals. The State Parks, mentioned above, are important geological parks or geoparks, an effective means and a recent discussion of environmental preservation, and also important sections of the cultural and ecological landscape of Gerais. Geological parks enhance more sustainable socio-economic activities, with emphasis on ecotourism and geotourism.

Keywords: Mining. Peasant Landscape, Indigenous Landscape; Quilombola Landscape; Semi-arid.

INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é discutir brevemente acerca das paisagens culturais e ecológicas de referência do mineiro, tendo como base a tradição minerária e a desconstrução de identidades ameríndias, camponesas e quilombolas. Para isso elencou-se a área do município de Grão Mogol (MG), inserido no semiárido mineiro, uma nova fronteira de expansão da mineração contemporânea. A cidade de Grão Mogol e demais pequenas urbes da região, desde que bem administradas sob o ponto de vista da gestão socioambiental podem legitimar a cultura local, promovendo novas fontes de renda para os geraizeiros, com a preservação das paisagens de referência e a promoção de turismo geológico, rural e ecológico, de maneira sustentável. Estes espaços serão a garantia de preservação das singularidades locais se contrapondo às perspectivas degradadoras da futura mineração. Será também a reescrita de uma nova história na qual a paisagem efetivará a reconstrução da diversidade afrodescendente, camponesa e indígena e a valorização de seus imaginários, de sua identidade e, sobretudo de sua riqueza cultural.

É inegável, na história das organizações, que sujeitos se reinventaram, reafirmando suas lutas e resistências. Da pré-história e mundo antigo passando pela história da antiguidade ocidental e pela história da antiguidade oriental até a Europa medieval, hegemonias e hierarquias se entrelaçaram. E no contexto socioeconômico e geopolítico de diferentes tempos e espaços, populações negligenciadas e silenciadas buscaram seu lugar. A oralidade, os acervos dos museus e demais facetas do patrimônio histórico introduzem e complementam a história dos esquecidos: deficientes, índios, negros, dentre outros tantos sujeitos marginalizados. Da desvalorização em busca da preservação de suas identidades e referências, reescrevem a história dos absurdos, dando-lhe conotações mais adequadas. Efetivaram-se posteriormente demandas por ampliação no que se refere a direitos igualitários. Por lei é obrigatório que docentes estejam trabalhando questões culturais afro-brasileiras e ameríndias na Educação Infantil, nas nove séries do Ensino Fundamental, no Ensino Médio, no Ensino Técnico-profissionalizante e na Educação de Jovens e Adultos. A urgência da temática se amplia, a partir das possibilidades educativas e das estratégias de ensino das escolas públicas e privadas de todo o país. Caminha-se contra qualquer forma de exclusão.

Porém é preciso avançar. Apesar da ampliação da Língua Brasileira de Sinais, muitos surdos e demais deficientes são excluídos das políticas decisórias. Embora, conquistas recentes que tornaram obrigatória a abordagem da cultura indígena brasileira no currículo da educação básica, a apropriação dos estudos socioculturais por parte do povo brasileiro ainda se consolida. É a mesma questão epistemológica pela qual passam os estudos africanos no âmbito de reconstrução da modernidade. Apesar da evidente contribuição histórica na formação econômica, política e social do Brasil, os deficientes, índios e negros continuam na luta por dignidade e reconhecimento. Há também uma questão que ainda não é amplamente debatida, a expropriação de comunidades tradicionais de seus territórios e paisagens de referência. Os históricos conflitos no campo se destacam nas manchetes de jornais e noticiários matando Chico Mendes, Dorothy Stang, dentre outros.

Da sociedade do conhecimento e da tradição oral para a adoção de políticas neoliberais num contexto de globalização, muitos problemas no campo e na cidade carecem por compreensão e solução. Vive-se a época em que o “ter” se tornou mais relevante que o “ser”, no qual a economia e o consumo ditam a ordem das coisas e esconde eventuais desordens. A coletividade se refaz, em múltiplas escalas, níveis e reflexos, indo da comunidade local ao âmbito internacional, impondo acomodações, ajustes, prejuízos e restrições, nem sempre viáveis, direta e indiretamente. Num contexto de permanências e rupturas, todas as políticas desenvolvimentistas adotadas desde o Brasil colônia até os tempos republicanos de hoje, permeando ainda o período imperial foram impactantes e degradadoras em sua essência. Basicamente, a ampliação da mineração no contexto histórico das Minas Gerais se consolidou em duas frentes: as Minas, referenciando a região central do estado, onde a mineração aurífera dos tempos pretéritos foi substituída pela exploração de minério de ferro e manganês (Figura 01) dos tempos atuais e as Gerais, ao norte mineiro, onde a exploração de pedras se efetivou na região de Diamantina, Serro e comercializada em Teófilo Otoni.

Figura 01 - Novas áreas de ampliação da mineração sobre geossistemas em MG



Fonte: Instituto Pristino (2019)

No processo de ampliação da economia, de suas mazelas e benesses, paisagens culturais e comunidades tradicionais correm riscos. São camponeses, indígenas e quilombolas que muitas vezes são destituídos de seus direitos fundamentais, tendo sua condição humana violada. Mas somente, como única e última chance, para determinados segmentos da população, restam apenas insistir ou desistir. Assim brancos, índios e negros se autoafirmam enquanto brasileiros (Figura 02) com identidades, memórias, paisagens e patrimônios de referência num complexo jogo de reconstrução multicultural do projeto de coletividade, cuja sociodiversidade é a maior riqueza. O site Aventuras na História (2017, on line) atesta que:

Na sociedade do Brasil colonial, ser branco era estar no topo da escala, mas ser meio branco já conferia privilégios. A maioria dos bandeirantes e capitães do mato, que oprimiam índios e negros, era mestiça. Os brasileiros usavam vários termos para identificar a ancestralidade de alguém. O clássico trio ensinado na escola: mulato, cafuzo e mameluco.

- Mulato, resultado da mistura de europeus e africanos - na época colonial, quase sempre branco e negro -, vem de mula. Não era exatamente pejorativo. Na época da escravidão, a maioria dos mulatos eram livres e se ocupava de tarefas urbanas. Queria dizer que são híbridos, como o animal, nascido do cruzamento de cavalo com jumento. Outra possibilidade, que não é aceita pela maioria dos lexicógrafos (autores de dicionários), é que venha do árabe muwallad, filho de estrangeiro com islâmico (mas também estrangeiro puro criado como islâmico).

- Cafuzo ou carafuzo é resultado da união entre negro e índio. Vários dicionários, como o Houaiss, apontam "origem controversa". O etnólogo angolano Óscar Bento Ribas afirma que vinha do quimbundo kufunzaka, "desbotar". A etnolinguista Yeda Pessoa de Castro prefere a origem no termo bantu nkaalafunzu, "mestiço". Seja como for, parece um nome dado pelos negros, diferentemente dos outros, criados pelos portugueses.
- Mameluco, mestiço de branco e índio, vem do árabe mamluk, que originalmente significava "escravo", mas tinha um significado muito diferente pela época da descoberta do Brasil. Durante a Idade Média, escravos passaram a ser empregados nos exércitos muçulmanos e acabaram constituindo uma casta militar. Em 1250, uma revolta dos mamluk tomou o poder no Egito e formou o Sultanato Mameluco. Entre os portugueses, que viviam em guerra com os muçulmanos, os mamelucos eram considerados particularmente destemidos e perigosos - daí terem começado a chamar assim os mestiços das bandeiras ou capitães do mato.

Figura 02 – Reprodução pictográfica da obra Operários, de Tarsila do Amaral (1886-1973)



Fonte: <http://historempauta.blogspot.com/2014/01/mulato-cafuzo-mameluco.html>

1.BIODIVERSIDADE, GEODIVERSIDADE E SOCIODIVERSIDADE EM MINAS GERAIS: recortes ecológicos, geográficos e históricos

Na perspectiva do território enquanto elo de poder local, as populações procuram referências e sentidos no seu ambiente ancestral de ocupação, que além de ecológico é cultural. Assim, o presente trabalho evidencia que, o segmento minerário no contexto histórico das Minas Gerais traz todo um conjunto de ameaças sobre paisagens culturais de camponeses, indígenas e quilombolas, seus meios de produção, saberes e fazeres, desconstruindo práticas ancestrais de sustentabilidade. Destaca-se ainda que as políticas de desenvolvimento social ao considerarem a

possibilidade de mudanças, muitas vezes não contemplam esses atores sociais, marginalizando-os, excluindo-os dos processos decisórios dos quais deveriam ser protagonistas. Como recorte espacial desta disparidade, elencou-se o norte mineiro, componente da área conhecida como Semiárido Brasileiro, em especial, a cidade de Grão Mogol (Figura 03). Esta urbe foi escolhida, devido à sobreposição populacional de camponeses sobre citadinos, bem como ser detentora de paisagens naturais e culturais significativas ameaçadas pela futura mineração. A população majoritariamente camponesa é indício de ancestralidade e conexão com os lugares, paisagens e territórios comuns. Fonseca e Lessa (2010, p. 262) testemunham que:

Anteriormente chamada de Serra de Santo Antônio do Itacambiruçu, a atual Grão Mogol possui área de 3.890 km² e população de 14.597 (IBGE, 2000). A sede está nas coordenadas geográficas 16°56'S e 42°89'W. Os habitantes rurais (53,52%) predominam ligeiramente sobre a população urbana (46,48%). As principais produções agrícolas são: café, banana, laranja e manga. Os produtos referentes à cana-de-açúcar, feijão, milho e mandioca são de subsistência. A pecuária inclui: galináceos, eqüinos, bovinos e suínos. A monocultura de eucalipto é a principal geradora de empregos, cultivada principalmente, para a geração de carvão vegetal. Outra atividade econômica em operação é a extração de minério de ferro. A origem do seu povoamento está ligada à mineração, iniciado no final do século XVIII. No ano de 1839 era conhecida como Arraial da Serra de Grão Mogol, e, com a descoberta de minerais preciosos, passou a atrair estrangeiros de toda parte (portugueses, franceses, alemães entre outros) em busca dos seus diamantes. Inicialmente, a extração era feita de forma clandestina, mas posteriormente, com a notoriedade que a área adquiriu, a Coroa Portuguesa enviou um representante para administrar a exploração das jazidas e comercialização dos seus produtos.

Figura 03 - Igreja Matriz de Santo Antônio em Grão Mogol – MG

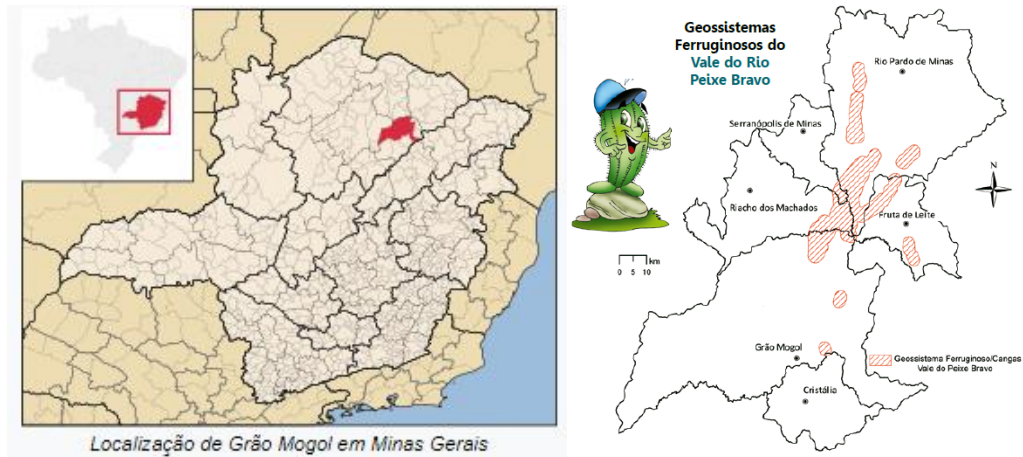


Fotografia de Lídia Costa (2018)

Assim, vários Programas Regionais de Desenvolvimento se efetivaram com sucesso, mas outros não obtiveram o êxito esperado. Atualmente, a situação persiste sendo iminente e necessário o repensar da Histórica Política e Econômica Brasileira, com suas condicionantes e determinantes. Neste sentido, a experiência de desenvolvimento do semiárido brasileiro, através de projetos agropecuários com tecnologia exógena, a ocupação da Floresta Amazônica na década de 1970, o modelo de desenvolvimento industrial-urbano capitalista, tem apontado sua ineficácia, agravando questões de sociabilidade nos centros urbanos do país. Para a reversão ou readequação da condição sociológica do semiárido careceu na época, de tecnologias específicas adaptadas à realidade ecológica e cultural.

Na ocupação da Amazônia, inicialmente gestada por questões geopolíticas e preocupações com a segurança das fronteiras, faltaram dados de base que levaram à paralização ou abandono de vários projetos, incluindo assentamentos e rodovias. A atual situação urbana reflete erros e omissões acumulados nos últimos anos, o que gerou grandes migrações para as principais cidades, em especial, São Paulo. Por ausência de políticas públicas de ordenamento, situações críticas e problemas socioeconômicos provocam confrontos dentro da lógica perversa do sistema produtivo. Hoje, visando minimizar, problemas sociais, as urbes dispõem de um instrumento efetivo de controle e ordenamento territorial contido legalmente em seus Planos Diretores. Entre as urbes e as áreas naturais do cerrado, se consolidam as comunidades tradicionais, ameaçadas pela expansão das frentes geoeconômicas neoliberais: pastagens, eucaliptais e a mineração. A região do Norte Mineiro entre Grão Mogol e Rio Pardo (Vale do Rio Peixe Bravo) é contemplada por biodiversidade associada à geossistemas ferruginosos (Figura 04), por sua vez ameaçados pela devastadora mineração.

Figura 04 – Vale do Rio do Peixe Bravo: municípios de abrangência.



Fonte: Instituto Pristino (2019)

2. VALE DO RIO PEIXE BRAVO: múltiplas diversidades ameaçadas

Quando se fala em norte mineiro, falamos de uma região com baixo IDH, problemas sociais e escassez hídrica uma vez que grande parte dela se insere no semiárido nordestino. Assim a região do Alto Jequitinhonha (figura 05), onde se encontra Grão Mogol, por sua vez, não produzia ouro, mas diamantes, como relatam Fonseca e Lessa (2010, p. 263):

No ano de 1840, o arraial evoluiu para Vila Provincial, e, no mesmo ano, foi transformado em distrito. No ano de 1858, Grão Mogol recebeu a categoria de cidade. O lugar se destacou como grande centro comercial de minerais preciosos do Norte de Minas até o ano de 1960, quando houve a decadência da exploração de diamantes. No mesmo período, houve a criação dos municípios de Itacambira, Botumirim e Cristália, áreas que antes pertenciam a este município. O declínio das operações comerciais envolvendo diamantes levou a população residente a migrar para centros urbanos maiores, como Montes Claros e São Paulo, acarretando numa diminuição da população total do município (PMGM, 2009¹). Grão Mogol marca um importante marco histórico mundial, porque foi o primeiro local onde se lavrou diamantes pelo desmonte de uma rocha - a Pedra Rica – fato ocorrido por volta do ano 1827. Anteriormente ao episódio, todos os diamantes eram procedentes de depósitos aluvionares (Chavez; Benitez; Andrade, 2006²). A Pedra Rica atualmente encontra-se inserida sob a área de preservação do Parque Estadual de Grão Mogol.

¹PMGM, Prefeitura Municipal de Grão Mogol. **Histórico**. Disponível em: <http://www.graomogol.mg.gov.br/portal1/municipio/historia.asp?ildMun=100131317> Acessado em: 19/10/2009.

² CHAVES, M. L. S. C; BENITEZ, L; ANDRADE, K. W. **Morro da Pedra Rica, Grão Mogol, MG: Primeira Jazida de Diamantes Minerada em Rocha no Mundo**. In: Manfred Winge; Carlos Schobbenhaus (orgs). *Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil*. Brasília: SIGEP, 2006, v. 2, p. 1-10.

Figura 05 - Paisagens geológicas e geomorfológicas da antiga Santo Antônio do Grão Mogol – MG



Fotografia de Lídia Costa (2018)

Esta região, porém, é rica em biodiversidade³ (elementos bióticos), geodiversidade⁴ (elementos abióticos) e sociodiversidade⁵ (elementos antrópicos), nos quais as comunidades se adaptaram à sua realidade, delineando contornos de coletividade e sustentabilidade, porém as promessas da mineração tendem a ser tentadoras. Estas ameaças pairam sobre a região do Peixe Bravo, de acordo com os escritos de Carmo (2012, p. 07):

O norte de Minas abriga cerca de 1,5 milhões de habitantes, se destacando historicamente como a região de maior participação da agricultura familiar em sua ocupação (D'ANGELES FILHO, 2005⁶). Essa região é bastante peculiar no estado de Minas Gerais. Suas características econômicas, culturais e sociais, parecem uma extensão do nordeste brasileiro, assim como os seus indicadores de subdesenvolvimento (MOREIRA, 2010⁷). Esse distanciamento do norte mineiro com a parte central do estado, se verifica pelo modo que a história de ocupação ocorreu, gerando duas culturas, duas mentalidades, duas identidades. Moreira (2010) define que a

³ A biodiversidade é formada por espécies vivas que compreende plantas, animais e micro-organismos, que povoam desde as profundezas dos oceanos até as mais altas montanhas. É composta por uma enorme diversidade de espécies compreendidas como indivíduos semelhantes, com capacidade para se reproduzir entre si e naturalmente. Fonte: <https://www.significados.com.br/biodiversidade/>

⁴ A geodiversidade apresenta um paralelo com a biodiversidade, pois enquanto esta é constituída por todos os seres vivos do planeta e é consequência da evolução biológica ao longo do tempo, a geodiversidade é constituída por todo o arcabouço terrestre que sustenta a vida, sendo resultado da lenta evolução da Terra, desde o seu surgimento. A diversidade geológica é uma das variáveis essenciais para a diversidade biológica e ambas são responsáveis pela evolução do planeta. Fonte: <https://www.geocultura.net/conceitos/geodiversidade/>

⁵ Diversidade cultural são os vários aspectos que representam particularmente as diferentes culturas, como a linguagem, as tradições, a culinária, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar, a política, entre outras características próprias de um grupo de seres humanos que habitam um determinado território. Fonte: <https://www.significados.com.br/diversidade-cultural/>

⁶ D'ANGELIS FILHO, J. S. 2005. *Políticas locais para o "Des-envolvimento" no norte de Minas: uma análise das articulações local & Supra local*. Mestrado em Gestão em Desenvolvimento Rural e Agricultura Sustentável. Universidad Catolica de Temuco. Chile.

⁷ COSTA, J. B. A. 2003. *Mineiros e Baianeiros: englobamento, exclusão e resistência*. Tese de Doutorado. Brasília. Universidade de Brasília.

cultura *mineira* é identificada pela sociedade que se formou vinculada à mineração de ouro, diamante, e hoje do ferro. A outra é reconhecida e personalizada pela obra de João Guimarães Rosa, sobre uma sociedade que aprendeu a conviver com o sertão ou *gerais*. Porém, Costa (2003⁸) destaca que a primeira, *mineira*, foi dependente da segunda, *geraizeira*, para poder se consolidar. Isso porque a atração e adensamento populacional provocado pela mineração dependiam do abastecimento da agricultura e pecuária providas do norte de Minas.

As populações tradicionais norte-mineiras possuem uma história de convivência com os ecossistemas locais. Dayrell (1998⁹) relata que “*seus membros desenvolveram agrossistemas complexos, fruto de uma interação historicamente construída entre natureza e sociedade. Populações que são detentoras de um saber tradicional, um capital humano construído em anos de experimentação e coevolução de suas práticas de transformações do meio*”.

3. BIODIVERSIDADE, GEODIVERSIDADE E SOCIODIVERSIDADE NO NORTE DE MINAS: cenários únicos e ameaçados

A região de cangas (geossistemas¹⁰ ferruginosos¹¹) do vale do Rio do Peixe Bravo encontra-se inserida, em sua maior extensão, na região conhecida como Serra Geral, que seria a porção ao extremo norte da Cordilheira do Espinhaço, em Minas Gerais, no limite com o estado da Bahia. Nesta região, há parques estaduais e a serra ganha toponímias locais como, por exemplo, Serra da Bocaina, no município de Grão Mogol, que coincidentemente tem seu histórico vinculado à mineração. Carmo e Kamino (2017, p. 14) registram que:

A região conhecida por vale do Rio Peixe Bravo deve seu topônimo ao rio que tem suas nascentes originadas no flanco leste da Cadeia do Espinhaço, também conhecida como Serra Geral. Predomina na região o clima tropical quente, nas partes baixas do relevo, e o tropical de altitude, respectivamente Aw e Cwa, de acordo com a classificação de Köppen (CPRM, 1994¹²). Nesta região, o curso do Rio Peixe Bravo foi utilizado para indicar os limites políticos de cinco municípios do setor norte de Minas Gerais: Rio Pardo de Minas, Riacho dos Machados, Fruta de Leite, Serranópolis de Minas e Grão Mogol.

⁸ MOREIRA, H. F. 2010. “*Se for para morrer de fome, eu prefiro morrer de tiro*”: O norte de Minas e a formação de lideranças rurais. Dissertação para obtenção de título de Mestre em Sociologia no Programa de Pós-Graduação de Ciências 77

Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

⁹ DAYRELL, C. A. 1998. *Geraizeiros y Biodiversidad em El norte de Minas Gerais: La contribución de La agroecología y de La etnoecología em los estudios de los agroecosistemas*. Huelva: Universidad Internacional de Andalucía. Dissertação de Mestrado.

¹⁰ Os Sistema Ambientais Físicos, ou Geossistemas, seriam a representação da organização espacial resultante da interação dos componentes físicos da natureza (sistemas), aí incluídos clima, topografia, rochas, águas, vegetação e solos, dentre outros, podendo ou não estarem todos esses componentes presentes. Fonte: <http://ivairr.tripod.com/geossist.htm>

¹¹ fer-ru-gi-no-so [ô] (latim ferrugo, -inis, ferrugem) adjetivo; 1. Que contém ferro ou é da natureza do ferro. = FERROSO; 2. Que é da cor do ferro. "ferruginoso", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/ferruginoso> [consultado em 24-06-2019].

¹² CPRM – Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. 1994. Programa levantamentos geológicos do Brasil. Rio Pardo de Minas – Folha SD.23-Z-D-V. Brasília: CPRM. 84p.

Duas características do vale do Rio Peixe Bravo são surpreendentes: a paisagem exuberante e ainda pouco alterada; e a presença marcante de extensas couraças ferruginosas, conhecidas como cangas, que recobrem os geossistemas ferruginosos, os quais se estendem por cerca de 500 km². Estas características estão diretamente associadas ao elevado valor de conservação ambiental e cultural até agora observados.

A zona rural dos cinco municípios onde se localiza o vale do Rio Peixe Bravo ainda detém baixa densidade populacional e possui comunidades dependentes da qualidade ambiental da região. De acordo com Dayrell (1998¹³), as populações localizadas nas áreas rurais dos municípios do norte mineiro têm em comum um modo de interação e utilização dos ambientes e recursos, quanto ao que conseguem produzir.

Apesar de parte da geodiversidade e da biodiversidade desta área encontrarem-se oficialmente protegidas por três Unidades de Conservação de Proteção Integral, os Parques Estaduais de Botumirim, Grão Mogol e Serra Nova/Talhado é uma região para a qual vertem projeções ideológicas e mercadológicas de mineração. Neste contexto não somente a biodiversidade e a geodiversidade encontram-se ameaçadas como também a sociodiversidade das populações tradicionalmente adaptadas às paisagens ancestrais de referência sobrevivência. Para Carmo (2012, p. 08):

No entanto, esse equilíbrio na paisagem geraizeira é danificado a partir da década de 1970, com a implantação do projeto desenvolvimentista no Brasil (MOREIRA, 2010). Onde havia agricultura familiar dos geraizeiros, ergueu-se uma floresta exótica de eucalipto e pinus para subsidiar o pólo siderúrgico mineiro. O pensamento geopolítico dos militares no período da ditadura, em prol da segurança nacional, permitiu a ocupação dos espaços considerados “vazios econômicos” (MOREIRA, 2010).

Assim foi formada uma nova paisagem que afetou os pilares da sustentação da agricultura familiar tradicional, desenvolvida em séculos de convivência com os ecossistemas e com os seus limites agroambientais (COSTA, 2006¹⁴). Segundo Costa (2006), os recursos naturais, biodiversidade, solos e água, entraram em um rápido processo de deterioração.

Martinez-Alier (2007¹⁵) define que em termos históricos os conflitos socioambientais ocorrem principalmente em função do choque entre populações locais e o avanço do capitalismo global. A história recente do norte de Minas Gerais exhibe como a sobreposição de territórios em expansão ou retração gera condições com potencial de conflito, que pode permanecer latente ou eclodir, dependendo de fatores tais como organização coletiva, liderança local, apoio externo, cobertura da imprensa e incidentes violentos (CARVALHO & SAWER, 2009¹⁶).

Atualmente, o norte de Minas Gerais se encontra em uma nova fase, abraçada pela mineração. A atividade que propiciou a ocupação *mineira*

¹³ Dayrell, C.A. 1998. Geraizeiros y biodiversidad em el norte de Minas Gerais: la contribución de la agroecología y de la etnoecología em los estudios de los agroecosistemas. Huelva: Universidad Internacional de Andalucía. 192p.

¹⁴ COSTA, J. B. A. 2006. Cultura, natureza e populações tradicionais: o norte de Minas como síntese da nação brasileira. In: *Revista Verde Grande*, v.1, n.3. Montes Claros. p.8-48.

¹⁵ MARTINEZ-ALIER, J. 2007. *O ecologismo dos pobres*. São Paulo: contexto.

¹⁶ CARVALHO, I. S. H. & SAWER, D. 2009. Territórios e uso da biodiversidade no norte de Minas: causas estruturais dos conflitos socioambientais. *Congresso de 2009 da LASA (Associação de Estudos Latino-Americano)*, Rio de Janeiro, 11 a 14 de janeiro.

pretende levar todo o desenvolvimento gerado no Quadrilátero Ferrífero (JORNAL ESTADO DE MINAS, 2011a¹⁷) para o sertão das *gerais*. Adicionados ao desenvolvimento, o norte de Minas abrigará também todos os passivos ambientais e sociais que tal atividade também deixou na região do Quadrilátero Ferrífero (SANTOS, 1973; CARMO, 2010¹⁸).

Quadro II – Aspectos geográficos dos municípios do vale do Rio Peixe Bravo

Município	População total 2016	População rural 2010	Área km²
Fruta de Leite	5.758 habitantes	3.904 habitantes	762 km ²
Grão Mogol	15.870 habitantes	9.393 habitantes	3.885 km ²
Riacho dos Machados	9.665 habitantes	4.861 habitantes	1.315 km ²
Rio Pardo de Minas	30.878 habitantes	17.407 habitantes	3.117 km ²
Serranópolis de Minas	4.741 habitantes	2.697 habitantes	551 km ²

Adaptado de Carmo e Kamino (2017, p. 17)

4. BIODIVERSIDADE, GEODIVERSIDADE E SOCIODIVERSIDADE EM BOTUMIRIM, GRÃO MOGOL, SERRA NOVA E TALHADO: geoparques e potencialidade turística

A região geomorfológica do Vale do Peixe Bravo situa-se entre dois importantes circuitos turísticos, Lago de Irapé e Serra Geral do Norte de Minas. Para se preservar serviços ecossistêmicos essenciais à região do Norte Mineiro, existem unidades de conservação que protegem e integram a biodiversidade, a geodiversidade e a sociodiversidade. Essas unidades de conservação se localizam em Botumirim, Grão Mogol, Serra Nova/Talhado e apresentam características de geoparques ou parque geológicos. Botumirim não se insere na região do Peixe Bravo, estando ao sul de Grão Mogol, mas encontra-se ameaçada pela mineração de quartzitos, e neste contexto se insere neste trabalho no sentido de se estabelecer a discussão com a comunidade acerca de um futuro corredor ecológico e cultural com os municípios ao norte. O Parque Estadual de Botumirim (Figura 06) é uma unidade de conservação inserida na categoria de proteção integral administrada pelo Instituto Estadual de Florestas – IEF vinculado à esfera administrativa estadual de Minas Gerais, localizando-se ao norte do Estado, entre os Municípios de Bocaiúva e Botumirim e objetiva oferecer oportunidades de contemplação cênica, educação ambiental, interpretação da paisagem, pesquisa científica, recreação turística e

¹⁷ JORNAL ESTADO DE MINAS. 2011a. *Norte de Minas será nova fronteira da mineração*. Publicado em 12/10/2011.

¹⁸ SANTOS, F. M. 1973. *A mineração de Ferro no Quadrilátero Ferrífero*. Tese de doutoramento em Geografia apresentada ao Departamento de Geografia do Instituto de Geo-Ciências da UFMG. CARMO, F.F. 2010. *Importância Ambiental e Estado de Conservação dos Ecossistemas de Cangas no Quadrilátero Ferrífero e Proposta de Áreas-alvo para a Investigação e Proteção da Biodiversidade em Minas Gerais*. 90p. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais.

visitação pedagógica, estimulando o desenvolvimento do turismo local em bases sustentáveis. O Parque insere-se na área de transição entre os Biomas do Cerrado e da Mata Atlântica, tendo 35.682 hectares com destaque para a notável beleza cênica das serras da região, preservando remanescentes expressivos dos ecossistemas naturais, integrantes dos dois biomas, com destaque para os campos rupestres e veredas. O Geoparque Botumirim ou Parque Estadual de Botumirim foi criado em 2018 para proteger corpos hídricos e áreas de recarga, assegurando a continuidade dos serviços ambientais prestados pela natureza na região conservando as populações da fauna e flora nativas e oferecendo refúgio para espécies migratórias, raras, vulneráveis, endêmicas e ameaçadas de extinção.

Figura 06 – Imagem das paisagens e ecossistemas do PE Botumirim.



Fonte: <http://onorte.net/geral/urg%C3%A2ncia-em-preservar-1.632981/parque-estadual-de-botumirim-7.1310892>

O Parque Estadual da Pedra Rica ou Parque Estadual de Grão Mogol administrado pelo Instituto Estadual de Florestas – IEF, no âmbito da esfera administrativa do estado de Minas Gerais localiza-se inteiramente dentro do município de Grão Mogol. O Parque Estadual enquadra-se na categoria de unidade de conservação de proteção integral com área de 28.404 hectares de fitofisionomias do Bioma Cerrado. Criado pelo Decreto Estadual nº 39.906 de 23/09/1998, o Geoparque de Grão Mogol está inserido, em sua maior extensão, na Serra Geral que, na região, é conhecida por Serra da Bocaina e emoldurava a paisagem da então Vila de Santo Antônio do

Itacambiruçu. Tem por finalidade proteger a fauna e a flora regionais, as nascentes dos rios e córregos da região, além de criar condições ao desenvolvimento de estudos e pesquisas científicas, bem como propiciar alternativas de uso racional dos recursos naturais, como o turismo ecológico e geológico.

A cidade de Grão Mogol tem sua origem na descoberta de diamantes no final do Século XVIII, que atraiu pessoas do Brasil e de diversos países da Europa para a região. Uma das mais importantes trilhas do município, localizada dentro do Parque Estadual de Grão Mogol, com calçamento de pedra dos tempos coloniais leva até o local onde se localizava a Fazenda do Barão de Grão Mogol. Além da paisagem encantadora, o trajeto é um registro da história de Grão Mogol, pois no passado, os escravos do Barão construíram a trilha para dar acesso da Fazenda do Cafezal ao município de Grão Mogol, um percurso com vários trechos calçados de pedras e bem conservados.

A vegetação da região é rasteira e de pequeno porte, típicas de campos de altitude. Nas chapadas predominam os cerrados com suas variações, destacando cerrado baixo, representado por árvores como a lixeira, o pau terra e pequizeiro, entre outras e a caatinga arbustiva com a presença de espécies como bromélias e cactáceas. Os campos de sempre vivas e os vales dos rios do Bosque e Ventania, são pontos marcantes da região. O relevo é predominantemente montanhoso (Figura 07), cortado por grandes chapadas como a Chapada do Bosque, que chega a atingir cinco mil metros, a Chapada do Bosquinho e Chapada do Cardoso. A fauna possui algumas espécies consideradas ameaçadas como a jaguatirica, lobo-guará, lontra, macaco saúá, onça parda, tamanduá bandeira, tamanduá de colete, tatu canastra, dentre outras. A composição da flora desta região é peculiar, com inúmeras ocorrências de populações restritas unicamente àqueles ambientes, potencializando alto grau de endemismo, tanto na fauna, quanto na flora. Destaque para canelas de ema, de grande importância ecológica. Existem, ainda, algumas formações de veredas isoladas, com uma discreta presença de buritis.

Figura 07 – Imagem das paisagens e ecossistemas do PE Grão Mogol.



Fonte: <http://postselos.blogspot.com/2013/05/br-0014-parque-estadual-de-grao-mogol.html>

O Parque Estadual Serra Nova e Talhado localizado entre os Municípios de Mato Verde, Porteirinha, Riacho dos Machados, Rio Pardo de Minas, Serranópolis de Minas, no norte do Estado de Minas Gerais é um parque destinado à conservação do Bioma Cerrado. Administrado pela esfera administrativa estadual classifica-se na categoria de proteção integral do SNUC e tem área de 12.658 hectares. Foi criado pelo Decreto s/nº de 21 de outubro de 2003 e teve seu nome alterado pela Lei Estadual nº 22. 732, de 21 de novembro de 2017. Vinculado ao Instituto Estadual de Florestas – IEF objetiva proteger a fauna e a flora regionais, as nascentes de rios e córregos da região, além de criar condições ao desenvolvimento de pesquisas científicas e à ampliação do turismo ecológico e geológico na região.

O Geoparque Serra Nova/Talhado ou Parque Estadual Serra Nova/Talhado – PESNT (Figura 08) abriga vários atrativos naturais como: Cachoeira do Serrado, Escorregador, Poço do Jacaré, Poço da Sereia conectando homem e natureza numa perspectiva de turismo e sustentabilidade. A vegetação predominante no Parque Estadual de Serra Nova e Talhado são os campos rupestres, possuindo algumas árvores nativas como aroeira, jatapéba e sucupira. Possui alguns pontos de mata fechada e a topografia bastante irregular, composta da Serra Geral e da Serra do

Espinhaço, com regiões de grotas, morros e nascentes. O Parque abriga diversas nascentes, entre elas a do Ribeirão São Gonçalo e dos rios Bomba, Ladim, Suçuarana, Ventania e do Córrego da Velha. A flora do PESNT é composta por áreas de Cerrado e vestígios similares a Mata Atlântica. Apresenta grande Biodiversidade florística, arbustos e árvores de pequenos e grandes portes. Podemos encontrar: Barriguda (*Cavanillesia Arborea*), Palma Forrageira (*Opuntia cochenillifera*), Sempre-viva (*Helichrysum bracteatum*), dentre outras espécies. Em relação à fauna, o PESNT abriga espécies como: onças suçuarana, beija-flores, cachorros-do-mato, lobos- guará, furões, macacos-prego, salamandra e cobras: jibóia, cascavel, coral, jaracuçu e outras.

Figura 08 – Imagem das paisagens e ecossistemas do PE Serra Nova e Talhado.



Fonte: <http://www.porteirinha.com.br/parque-serra-nova-e-talhado/>

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o presente trabalho investiga brevemente, os impactos da mineração nas paisagens culturais de camponeses, indígenas e quilombolas, a partir de uma breve análise histórica sobre a mineração no estado de Minas Gerais. A ideia é conclamar a sociedade mineira no resguardo e proteção de suas últimas paisagens geológicas e geomorfológicas, preconizando assim a salvaguarda dos patrimônios materiais e imateriais do povo mineiro. É indispensável à discussão juntos às comunidades de Botumirim, Fruta de Leite, Grão Mogol,

Riacho dos Machados, Rio Pardo de Minas e Serranópolis de Minas para que novas unidades de conservação sejam instituídas visando barrar a mineração e legitimando saberes e fazeres das comunidades locais, nos quais o ser/estar no mundo enquanto identidade se legitime frente à insustentabilidade projetada para o Peixe Bravo. Sugere-se a criação de áreas de proteção ambiental, reservas de desenvolvimento sustentável e reservas extrativistas, para se consolidar a preservação da biodiversidade, da geodiversidade e da sociodiversidade. As projeções da mineração trarão mais impactos à paisagem local do que benesses, sendo indispensável à conscientização e mobilização de todos para a preservação de recortes espaciais significativos do norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha. Por último, destaca-se a necessária ampla discussão sobre a criação de um corredor ecológico e cultural, que transforme o sertão das Gerais, em circuito turístico, com novas possibilidades e potencialidades. A principal delas é a criação do Geoparque Vale do Rio Peixe Bravo. Que os geraizeiros se unam em defesa de sua ancestralidade, de sua dignidade e sobretudo de sua sustentabilidade exemplar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Fabiano Rosa de Magalhães Rogério Alves de. **O MOVIMENTO DOS GERAIZEIROS E A LUTA PELA TERRA NO ALTO RIO PARDO**. In: Revista Ruris, v. 9, n. 02, setembro 2015.

AROEIRA, D. **Avança saqueio mineral pelo imperialismo chinês no Norte de Minas**. In: Jornal A Nova Democracia, Ano XVII, nº 214 - 2ª quinzena de agosto de 2018 Disponível em: <<https://anovademocracia.com.br/no-214/9379-avanca-saqueio-mineral-pelo-imperialismo-chines-no-norte-de-minas>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

AVENTURAS NA HISTÓRIA. **Almanaque: dito e feito mulato, cafuzo e mameluco**. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/dito-e-feito-mulato-cafuzo-e-mameluco.phtml>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

BRITO, Isabel Cristina Barbosa de. **A REDE-MOVIMENTO SOCIAL DOS GERAIZEIROS DO NORTE DE MINAS**. In: VI Encontro Nacional da Anppas - 18 a 21 de setembro de 2012 (Belém – PA). ANPPAS. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro6/anais/ARQUIVOS/GT2-1286-1051-20120702133233.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

CARMO, Felipe Fonseca do. **NOVO POLO PARA CONSERVAÇÃO EM GEOSSISTEMA FERRUGINOSO NA REGIÃO DO RIO PEIXE BRAVO, NORTE DE MINAS GERAIS**. Dissertação Pós graduação em Ecologia, Conservação e Manejo da Vida Silvestre. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 2012, 128 p.

CARMO, Flávio Fonseca do. KAMINO, Luciana Hiromi Yoshino. **Geossistemas Ferruginosos do Brasil: áreas prioritárias para conservação da diversidade geológica e biológica, patrimônio cultural e serviços ambientais**. 3i Editora. Belo Horizonte, MG. 2015. 552 pp.

FONSECA. Diego de Sousa Ribeiro. LESSA, Simone Narciso. **Um breve diagnóstico ambiental do Parque Estadual de Grão Mogol (MG) e seu contexto espacial**. In: Caminhos de Geografia. Uberlândia v. 11, n. 35 Set/2010 p. 260 - 274

GESTA-FAFICH/UFMG. **Informações sobre Mineração no Norte Mineiro: O caso da SAM e o Mineroduto**. Disponível em: <<https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/informacoes-sobre-mineracao-no-nm-o-caso-da-sam-e-o-mineroduto/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

GESTA-FAFICH/UFMG. **Cartilha Povos tradicionais**. Disponível em: <<https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/Cartilha-Povos-tradicionais.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

FONSECA, Graziano Leal. THÉ, Ana Paula Glinfskoi. PAULA, Andréa Maria Narciso Rocha de. **(DES)IGUALDADES E AMBIENTE: CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS MINERAÇÃO NO NORTE DE MINAS: UMA ANÁLISE DA ESTRUTURAÇÃO DO MODO DE VIDA GERAZEIRO EM FUNÇÃO DO PROJETO VALE DO RIO PARDO NA MICRORREGIÃO DE GRÃO MOGOL-MG.** Disponível em: <http://www.congressods.com.br/quarto/anais/GT09/01_GT_09.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DOS DISTRIBUIDORES DE AÇO. **Superjazida de minério, Estado de Minas – MG.** Disponível em: <<http://www.inda.org.br/exibeclip.php?perfil=2292>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DOS DISTRIBUIDORES DE AÇO. **Minas traça novo mapa da mineração, Estado de Minas – MG.** Disponível em: <<http://www.inda.org.br/exibeclip.php?perfil=2310>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

JORNAL O TEMPO. **Descoberto no Norte de Minas imenso tesouro de minério: Consórcio que reúne Vale, Votorantim e CSN tem interesse de explorar jazida.** Disponível em: <<https://www.otempo.com.br/economia/descoberto-no-norte-de-minas-imenso-tesouro-de-min%C3%A9rio-1.237425>>

JORNAL ESTADO DE MINAS. **Nova fronteira da mineração em MG terá Investimentos de R\$ 8,6 bilhões deverão inserir o Norte de Minas no mapa da indústria da extração do ferro e do ouro em cinco anos.** Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2012/07/13/internas_economia,305821/nova-fronteira-da-mineracao-em-mg-tera-r-8-6-bilhoes.shtml>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MAB – MOVIMENTO DOS ATINGIDOS POR BARRAGENS. **Atingidos do norte de Minas enfrentam projetos de mineração.** Disponível em: <<https://www.mabnacional.org.br/noticia/atingidos-do-norte-minas-enfrentam-projetos-minera>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ONG CERRATINGA. **Geraizeiros: Homens e mulheres do Cerrado.** Disponível em: <<http://www.cerratinga.org.br/populacoes/geraizeiros/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

ONG DGM BRASIL. **Geraizeiros seguem na luta para preservar a vida.** <https://dgmbrasil.org.br/pt-br/institucional/subprojeto/geraizeiros-seguem-na-luta-para-preservar-a-vida/>. Acesso em: 23 jun. 2019.

PORTAL CARTA MAIOR. **Movimentos-Sociais: Reconhecimento do conceito de populações tradicionais facilita acesso à terra.** Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Movimentos-Sociais/Reconhecimento-do-conceito-de-populacoes-tradicionais-facilita-acesso-a-terra/2/12971>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

POUGY, N., VERDI, M., MARTINS, E., MAURENZA, D., LOYOLA, R., MARTINELLI, G. (Orgs.), 2015. **Plano de Ação Nacional para a conservação da flora ameaçada de extinção da região de Grão Mogol-Francisco Sá.** CNCFlores : Jardim Botânico do Rio de Janeiro : Laboratório de Biogeografia da Conservação : Andrea Jakobsson Estúdio, Rio de Janeiro. 76 p.

Ribeiro, Leila Rodrigues; Glinfskoi, Ana Paula Thé. **VEREDAS, OÁSIS DO SERTÃO: CONFLITO AMBIENTAL NA APROPRIAÇÃO DAS ÁGUAS EM BOTUMIRIM-MG** Sociedade & Natureza, vol. 26, núm. 1, enero-abril, 2014, pp. 25-36 Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

SIMONI HOMEM DE CARVALHO, Igor. **POTENCIAIS E LIMITAÇÕES DO USO SUSTENTÁVEL DA BIODIVERSIDADE DO CERRADO: UM ESTUDO DE CASO DA COOPERATIVA GRANDE SERTÃO NO NORTE DE MINAS.** *Revista Brasileira de Agroecologia*, [S.l.], v. 2, n. 2, sep. 2007. Disponível em: <<http://revistas.aba-agroecologia.org.br/index.php/rbagroecologia/article/view/6774>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

TEIXEIRA, Thais Helena. **“O GERAIS É DE QUEM NELE MORA, NÃO DE QUEM O EXPLORA”:** A AÇÃO COLETIVA PELA TERRA COMUM DOS GERAZEIROS DO NORTE DE MINAS GERAIS. Dissertação Pós-Graduação em Extensão Rural Universidade Federal de Viçosa. julho de 2017. Disponível em: <<http://www.locus.ufv.br/bitstream/handle/123456789/13355/texto%20completo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 jun. 2019.